

RUA MAESTRO JOSÉ TROIANO

Lei nº 1.663 de 10-12-1956

Formada pela rua 18 da Vila Joaquim Inácio

Início na rua Monsenhor Fergo O'Connor de Camargo Daun-
tre

Término na rua Miguel Alves Feitosa Filho

Vila Joaquim Inácio

Obs.: Lei assinada pelo Prefeito Municipal Ruy Hel-
lmeister Novaes. O projeto de lei é de autoria do vereador João La-
naro. Essa rua foi inaugurada na manhã do domingo, 13-01-1957.

JOSÉ TROIANO

Giuseppe Troiano nasceu na Itália, a 09-07-1861 e faleceu em
Campinas, a 01-09-1939. Com a idade de 23 anos veio para o Brasil,
chegando a Campinas decidido a lecionar música, e desde logo conse-
guiu adeptos e criou discípulos. Fazendo parte da Banda Ítalo-Brasi-
leira, a 04-07-1895 assumiu sua regência, a partir de quando, a orga-
nização cresceu em prestígio e qualidade, devido a organização impos-
ta por Troiano, vindo a se constituir pouco depois, numa das primeiras
bandas de música do Estado de São Paulo. Naqueles anos a imigração ita-
liana se acentuara, sendo a maior parte encaminhada para o Estado de
São Paulo e Campinas "sente" a presença estrangeira com a arregimenta-
ção dos "paisanos" para a Banda Ítalo-Brasileira. Isto lhe confere co-
locar-se como uma das melhores bandas do país, sob a regencia do Maes-
tro Troiano. Em 1911, José Troiano passa a reger a Banda da Linha de
Tiro 176. Logo a seguir, organiza a Banda Progresso Campineiro, compos-
ta de 30 figuras, bem como a Banda São Sebastião, da Sociedade Humber-
to I, de Valinhos. Entretanto, a Banda Ítalo-Brasileira era o orgulho
de José Troiano. O "Correio Popular-Magazine" de 20-09-1949, diz: "A-
gradava ver-se o garbo e o entusiasmo com que ele dirigia a banda na
rua, sobraçando o seu bombardino e regendo com o olhar os músicos que,
garbosos e solenes, obedeciam-lhe a regência, executando lindos abra-
dos e marchas triunfais que empolgavam tãda a cidade". Convidada a tor-
parte dos festejos do Centenário da Independência em 1922, no Rio, com
presença do Presidente da República Epitácio Pessoa e do Rei da Belgi-
ca, a Banda Ítalo-Brasileira com José Troiano à frente, desfilou na ca-
pital federal, sendo freneticamente aplaudida, merecendo elogios dos
críticos nos jornais, que exaltaram principalmente, a competência do
maestro e as excelentes execuções apresentadas.



LEI N° 1.663, DE 10 DE DEZEMBRO DE 1956

Denomina «Maestro José Troiano» a uma rua da cidade

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas, promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1° — Fica denominada «MAESTRO JOSÉ TROIANO» a rua 18 da Vila Joaquim Inácio, que tem início na rua 17 e termina na rua Miguel Alves Feitosa Filho.

Artigo 2° — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 10 de dezembro de 1956.

Ruy Heilmester Novaes
Prefeito Municipal

Eng. Paulo Silva Pinheiro
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 10 de dezembro de 1956.

O Diretor,
Alvaro Ferreira da Costa

A Banda do Troiano

(Para o "Correio Popular")

- Eduardo Rodrigues -

Foi mais ou menos pelos meados de outubro de 1924 que travei conhecimento com o saudoso maestro José Troiano, dirigente da Banda de Música "Progresso Campineiro". Nessa época eu já havia deixado de vender jornais — no largo da Estação, que era meu ponto exclusivo, por determinação do Jorge, distribuidor e responsável pelos jornais recebidos de São Paulo e Rio de Janeiro por Antonio Pascarelli — e estava trabalhando na "A Musical", estabelecimento especializado em músicas, de propriedade de Aristides Cardoso, ali na Rua Cesar Bierrenbach, onde se ergue hoje o Edifício Piratininga.

Certa tarde, papai me chamou e disse que o maestro Troiano estava precisando de um avisador, na Banda, e, como eu na casa de músicas nada fazia o dia todo e pouco ganhava, iria levar-me para a sede da Banda, para ajudar a avisar os músicos, até que aparecesse um bom emprego.

Aprontei-me e lá fui com ele para a sede, onde haveria ensaio naquela noite. Assim que chegamos, fui apresentado ao maestro que, como de costume, lá estava cantando as notas aos músicos, debruçado sobre a partitura, a retocar notas com lápis. Quando escrevia, arredava os óculos para a testa, e quando tocava punha novamente os óculos sobre o nariz.

Olhou-me de alto a baixo, perguntou-me o nome e disse-me que eu tinha jeito para músico, pois meu pai sempre fora um bom músico e por isso eu também deveria ser, nem que fosse para tocar triângulo. Alguns dos músicos mais próximos riram-se e o maestro, com a sua célebre boina sobre a cabeça, também se riu, di-



zendo que faria de mim um bom músico.

Eu conhecia bem a cidade, e portanto não me seria difícil cumprir a obrigação. Na parede da sala de ensaios uma lista de todos os músicos, isto é, a folha de pagamento do mês anterior. Tinha alguns nomes que não ganhavam nem para pagar a parte que lhe cabia no aluguel da sala. Em todo o caso servia, para "distrair a criançada", como sempre dizia o Galdino.

Passsei em revista os nomes todos. Além do maestro, os mais familiares eram Artur Fioravante e João Del Canton, ambos empregados da fundição da Cia. Mac-Hardy e dos quais meu pai sempre fala-

va. Nas proximidades da sede residiam: o Vicente Buonicore, que possuía uma tinturaria na quadra de baixo, e de frente, um pouco mais para cima, José Marques e seu filho Hermenegildo. Na rua Francisco Glicerio, na mesma direção da casa do Marques, morava Antonio Matalo, tocador de pratos. Os demais, todos moravam distantes da sede, o que me fazia dar voltas na cidade, toda a vez que fosse necessário avisá-los para um serviço arranjado à última hora.

Os serviços que o maestro mais apreciava eram os que fazia para a empresa do Cine Rique. Eram mais divertidos e rendiam mais. Eram os reclames nos bondes. Para esses serviços não eram necessários mais que cinco ou seis músicos: o maestro — era infalível —, o Artur da Mac-Hardy, que tocava requita, o Artur Pinto, no saxo, o José Maria, com o seu célebre pistão — às vezes lá o Vicente Buonicore —, o Laurival com a sua caixa e o Matalo ou o Romeu Bocaletti, no bumbo.

Para avisar esse pessoal, tinha eu que, às vezes, rebuscar quasi a cidade toda, principalmente para descobrir o Laurival. Ele trabalhava do pintor com o Galdino Gregório dos Santos — que também era músico da banda — e dificilmente se sabia onde encontrá-los. Artur Pinto trabalhava nas oficinas do Livro Azul e ali eu o avisava, entrando pela porta dos fundos, do lado da rua Francisco Glicerio. Subia aquela rua até à oficina de carpintaria do Matalo, quasi na esquina com Morais Sales.

Depois, subia a General Osório e avisava o Artur, na fundição da Mac-Hardy. Quanto ao "Zé" Maria, nunca soube como é que era avisado. Também nunca cheguei a saber onde morava. Sei apenas que era solteiro e como solteiro ainda continua. Trabalhava na Mogiana e era um dos melhores pistonistas da banda.

Os reclames de bonde saíam sempre às 16.30. Aquele hora o bonde descia pela rua Conceição e parava ao lado do Rique. Ali o pessoal do cinema, comandado pelo Montingelli, amarrava os cartazes aos lados do bonde, apoiados nos estribos, e o bonde saía a percorrer as linhas circulares da cidade.

Certa vez, quando a população ainda se achava abalada com o desastre do bonde do Taquaral que caiu na valleta da rua Major Solon, o bonde do reclame seguia pela rua Culto à Ciência numa disparada louca, para ganhar tempo. Ao passar da esquina do portão do Ginásio, o motorinho imprimiu maior velocidade, mas a caixa do controle desligou, ouvindo-se um estouro tremendo dentro do bonde. Naquele dia estava no bonde um rapaz da empresa do Rique conhecido por Batatinha. Assustado com o barulho, saltou do bonde bem no momento em que este passava por um dos postes daquela rua. Deu com a cabeça no poste e ficou estendido no passeio. Felizmente não se machucou muito, ficando apenas desacordado. E o bonde seguiu a sua trajetória pela cidade. O maestro Troiano é que levou maior susto, pensando que fosse algum dos músicos.

De outra feita, o vento oara o lado do Taquaral era tão forte que arrancou as tabelas do cinema, ficando os músicos à mostra. Isso foi um transtorno para o maestro, que não gostava de se exhibir. Às vezes, depois de duas voltas pelas linhas, começava a chover. A chuva entrava para dentro do bonde e não havia jeito de se resguardar, porque a Tração sempre fornecia os carros mais velhos — os dispostos — cujas cortinas estavam sempre estragadas.

Quando havia serviço muito grande, como por exemplo tocar de frente ao Rique, quando havia companhia de operetas ou revistas, e em que exigia a presença de toda a corporação, então tinha eu

que avisar a todos os músicos, sem exceção. João de Almeida morava para os lados do Palheiro, no fim da rua da Abolição; Jesus Garcia, que tocava caixinha também, residia à rua 24 de Maio, perto da Igreja de São José; Sebastião Alves, trombonista, a rua Alvares Machado, perto do Externato São João; Adão Gozzi na rua da Conceição, perto do Jardim Público, e João Delcanton, no largo da Santa Cruz.

Havia também necessidade de avisar o Antoninho Sgarbi, que tocava saxo, Miguel Caproni, no clarinete — e que também era difícil de encontrar, Sebastião Ribeiro, que tocava trombone e o Galdino, com o seu baixo.

Depois de reunidos em casa do maestro, à rua Barão de Jaguará n.º 791, que hoje é a Pensão Acadêmica, desciam os músicos até à esquina da rua Morais Sales e ali se formavam. A um sinal do Troiano, o bombo dava a saída e depois da introdução da marcha, que quasi sempre era a "Carolina" — a predileta do maestro — lá descia o conjunto todo garboso, marchando, até à porta do Rique, onde parava, sobre o passeio. Tocavam até às 20.30 e depois, os que quizessem, podiam entrar para assistir o espetáculo.

O maestro, como não que-





A S B A N D A S D E C Á

XIII

Campinas, desde a metade do século passado já se orgulhava de possuir uma das melhores corporações musicais do país, e eram raras também as fazendas que não tinham as suas "charangas" e "bandas"; com excelentes músicos e estes, por amor à arte, faziam questão de pertencerem às mesmas, pois só o fato de tornar-se músico representava algo com que o indivíduo se sentia como que sublimado. Em 1816, além do moço mulato da Parnaíba, Manuel José Gomes, mais conhecido como "Maneco Músico", vários eram os professores de música que aqui residiam. A maioria deles vivia da lavoura e do comércio e nas horas vagas dedicavam-se à arte de ensinar e tocar instrumentos musicais. Com o passar dos anos, era o "Maneco Músico" o mais procurado na então Vila de São Carlos, como era então conhecida. Em 1846 estava programada a visita do Imperador D. Pedro II à vila e quem passasse pela rua da Matriz Nova (atual Regente Feijó), notaria por certo grande afluência de pessoas, que penetravam e desapareciam pelo interior de uma casinha de porta e janela localizada naquela rua, entre a rua da Cadeia (rua Bernardino de Campos) e o Beco do Caracol, atual Benjamin Constant. Pela sua capacidade comprovada, "Maneco Músico" foi procurado pelas autoridades locais para que organizasse



e apresentasse uma corporação musical à altura do prestígio, que então gozava a nossa cidade perante a Corte Imperial. "Maneco Músico", naquele ano de 1846, havia fundado a corporação musical denominada "Banda Marcial", sucedendo-se os ensaios durante dias e noites, terminando às vezes às altas horas da noite; o enérgico e irascível paraibano, quando tinha a batuta na mão, não dava um minuto de descanso aos que se achavam debaixo de suas ordens. "O Chico", Modesto de Lima, padre Sant'Ana, mais conhecido como "Nhô Quim", Joaquim Pium, os irmãos Monteiro, o Ernesto, pintor, Ramos, o velho, o Juca Ramos, o Joaquim Seleiro, o Tubica, os dois filhos do maestro, o rapazola Juca, (Sant'Ana Gomes) que tocava clarinete, e o seu irmãozinho o "Tônico" (Carlos Gomes) que, sonolento, ao fundo da sala, tocava quase maquinalmente o ferrinho (triângulo), formavam o grupo. Um ano depois essa mesma corporação passa-se a denominar "Orquestra e Banda Campineira", sempre na direção do reiço "Maneco Músico", que passa a tomar parte em quase todas as festas religiosas e profanas que se realizavam na ex-Vila de São Carlos; mais tarde José Pedro de Sant'Ana Gomes organiza uma corporação musical que passaria a denominar-se "Banda Musical de Amadores Filorfenicas". "Juca Músico", como era mais conhecido, arregimentara nessa corporação musical a fina flor da sociedade campineira, destacando-se entre elas eminentes personalidades que muito contribuíram no campo educacional e político da época. Podemos apontar os seguintes elementos que pertenceram à "Filorfênica": "Chico Pingura", Bento Quirino e Custódio M. Alves, que tocavam bombardino, Pires da Motta e Vilarinhos, pistonistas, José Delmont, trompista, Carlos Bressane e Francisco P. Simões dos Santos, que tocavam trombones, no sax estavam o Sampainho, Antunes Pereira e Leão Cerqueira, bombo e pratos, o Juca Cruz, Francisco Teodoro no bombardão, Bento Pires no requinta, na caixa o José Xavier e nos clarinetes Antonio F. de Souza e o maestro "Juca Músico". Além da banda, existia também a "Orquestra Filorfenica", dirigida também por aquele maestro, onde se encontravam João C. Cezarino, Joaquim A. da Silva Camargo, capitão Luiz Pupo de Moraes, o rábula Francisco Glicério, mais conhecido como "Chico" e muitos outros. Naquele ano de 1864, a banda de "Juca



Músico”, para desgosto deste, era também conhecida como a “Banda de Baixo”, em vista da séria concorrência que lhe fazia a então “Banda Romana”, dirigida por Joaquim Romão que, para gáudio deste, era também conhecida como a “Banda de Cima”. Nesse mesmo ano apareceram mais duas bandas musicais denominadas “Banda da Santa Cruz” e a “Euterpe Infantil”, que tiveram poucos anos de vida. Em 1870 é fundada pelos irmãos Elisário, Cândido, Floriano e Antonio Alvaro de Souza Aranha a “Banda Mato Dentro”, dirigida pelo maestro Azarias Dias de Melo, sendo a mesma dissolvida em 1875. Quando da inauguração da Estação da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, a 11 de agosto de 1872, além de uma corporação musical que viera da capital, lá estavam para os festejos as duas bandas, a de “Juca Músico” e a “Banda Fazenda S. Maria”, compostas tão somente de músicos negros escravos, pertencentes ao fazendeiro Comendador Vilela. Com a morte de “Maneco Músico” ocorrida, anteriormente, a 11 de fevereiro de 1868, Sant’Ana Gomes havia tomado o encargo de continuar a obra iniciada por seu pai, pois tinha um nome a zelar, considerando-se ainda ser irmão de Carlos Gomes. Em 1880 é fundada a Sociedade Luiz de Camões, e com esta, uma banda musical com o mesmo nome. Em 1889 sob a regência de Moreira Lopes, é fundada a “Banda Carlos Gomes”, em homenagem ao insigne maestro que soubera elevar bem alto o nome do Brasil. Mais tarde essa corporação é dissolvida, sendo fundada outra com o mesmo nome pelo maestro Agide Azzoni, que também não tivera longa duração. Em 1894 é formada nova corporação musical denominada “União Operária”, sob a regência do maestro Juvenal Plácido da Costa, que também desapareceu no segundo decênio deste século, por questões financeiras. O ano de 1895 tinha sido o climax da imigração italiana em nosso país, e a maior parte dela havia sido encaminhada para o Estado de São Paulo; dessa forma Campinas tomava novo impulso com a vinda desses peninsulares. Tanto a lavoura como o comércio passaram a fazer maiores movimentos. Dotado de indole artística resolvem os italianos arregimentar os “paisanos” interessados em música. Assim, a 4 de julho de 1895, é formada a “Banda Italo-Brasileira” que, sob a regência do maestro Constantino Soriani, é composta dos seguintes músicos,



RETALHOS DA VELHA CAMPINAS

167

na maioria de origem italiana: Giuseppe Troiano, Romualdo Suriani, Panfilo Sabatini, Giovanni Suriani, Miciel de Felippis, Gabriel de Vasconcelos, Ernesto Ricci, Benjamin C. da Silva, Pompeu de Túlio Sobrinho, Martinho Badhe, Carlos e Clemente Hilchner, Paulo Suriani, Marotta Antonio, Marcos Vivarelli, Atilio Dangieri, Giustino Scamuffo, Domenico Curcio, Francisco Tullio, Humberto Troiano, Natale Salateu e Francisco Vevoni. Com o passar do tempo notava-se que o aparecimento da "Banda Italo-Brasileira" provocou o surgimento de novas corporações de música e dentre elas podemos apontar: "Banda da Fazenda Chapadão", "Banda da Fazenda Recreio", ambas sob a regência de Leoncio da Silva, "Soc. Musical Lirá de S. Benedito" com a regência de Luiz Monteiro, "Banda Brasileira" do maestro Salvador Bueno de Oliveira, "Banda Garibaldi", "Musical Campineira de Homens de Cór", dirigida por João de Oliveira, "União Campineira de Cór", "Banda Progresso"; fundada por Giuseppe Troiano, em fins de 1913, isso sem contarmos com inúmeras "charangas" que existiam e das bandas militares, que pertenciam ao governo. Em 1905, sob a direção do maestro Zimbres, é organizada a famosa "Banda do Boi", corporação que durante muitos anos divertiu o povo campineiro nas épocas carnavalescas. Em 1909, a "Banda Italo-Brasileira", comemorando o seu décimo quarto ano de existência, fez realizar grandiosa retreta no então "Jardim Público" (hoje Praça Imprensa Fluminense) que ficou totalmente tomada. Foram convidadas muitas personalidades da cidade de São Paulo e do interior, que não regatearam aplausos à então famosa banda que ia se tornando conhecida como uma das mais perfeitas das existentes no país. Por certo ainda está gravada nos corações dos antigos campineiros esta festa em que tomaram parte os seguintes músicos, sob a batuta do não menos famoso Troiano: Marco Vivarelli, Francisco Tullio, Constantino Suriani, Paulo Suriani, Emilio Rossini, Raul da Luz, Diogo I. Bratfish, Atilio Dangieri, Augusto Moreira, Domenico de Curcio, Miguel de Felippis, Olivio Trevisalli, João Suriani, Natale Salateu, Humberto Troiano, Justino Scamuffo, Lourenço Luppi, Palmerino Suriani, Pampilo Sabatini, Martinho Badhe, Olivio Catuzzo, Leopardo Russo, Jaime Pires, Pompeo de Tullio e Giuseppe Pizzati, este último, apesar de seus



longos janeiros às costas, pode ser visto nas retretas que são realizadas atualmente no coreto da Praça Carlos Gomes. Naqueles mesmos dias, durante os festejos que se realizavam, José Veneri é aclamado presidente benemérito pelo muito que havia feito em benefício da "Banda Italo-Brasileira" e, além daquele cavalheiro, podemos apontar a figura do saudoso Domingos Paulino, outro elemento que muito trabalhou em prol da música em nossa terra: foi eleito por diversas vezes, presidente da "Banda Italo-Brasileira" e em 1911 eleito também presidente da "Banda Carlos Gomes". Os anos foram decorrendo e pelas trilhas que a "Banda Italo-Brasileira" ia passando, ficavam os sulcos de grandes sucessos que se acumulavam de ano para ano. Quando dos festejos do centenário de 1922, aquela corporação é convidada a tomar parte dos mesmos, que se realizavam no Rio de Janeiro, com a presença de Epitácio Pessoa, então presidente da República e do Rei da Bélgica, que se achava em visita ao nosso país. Os componentes da Banda foram aplaudidos freneticamente por todas as altas autoridades ali presentes. Essa caravana havia sido organizada e dirigida pelo jornalista Álvaro Ribeiro que, em companhia de Domingos Paulino, não mediu esforços e sacrifícios para poder apresentar ao povo brasileiro uma corporação digna do nome de Campinas. Mais tarde outras bandas musicais foram organizadas, entre elas a "Corporação Musical Campineira dos Homens de Cór", fundada pelo maestro João de Oliveira e atualmente dirigida pelo sr. Venâncio Pompeo, que vem servindo o público campineiro desde 11 de junho de 1933, data de sua fundação e "Banda Santa Cecília", fundada em 1946, que também vem cooperando nas retretas que se realizam em nossa cidade. Quando da última Guerra Mundial, por questões políticas, a Banda "Italo-Brasileira" foi obrigada a ter outra denominação, passando a ser conhecida até hoje como "Banda Carlos Gomes".

As grandes corporações musicais que Campinas possuía no passado ficaram reduzidas a três, que lutam com dificuldades e a continuar assim, em breve, não teremos mais retretas musicais em Campinas, pois não temos no momento nem direito de afirmar que as "bandas de cá" são melhores que as "bandas de lá"...

(Extraído de fls. 161 a 169 do livro "Retalhos da Velha Campinas" de autoria de Geraldo Sesso Júnior, Empresa Gráfica e Editôra Palmeiras Limitada, Campinas, SP, 1970)



JOSE TROIANO — rua

Começa na rua Monsenhor Fergó e termina na rua Miguel Alves Feitosa Filho, na VILA JOAQUIM INACIO.

A denominação foi dada pela Lei n.º 1.663, de 10 de dezembro de 1956.

DADOS BIOGRÁFICOS: O Maestro José Troiano nasceu na Itália, aos 9 de julho de 1861 e faleceu aqui em Campinas a 1.º de Setembro de 1939.

Do «Correio Popular-Magazine», de 20 de setembro de 1949: «... Veio para o Brasil em 1885, dedicando-se desde logo a arte musical, não só arranjando adeptos como também criando discípulos. Fazendo parte da Banda Musical Italo-Brasileira, a 4 de julho de 1895 assumiu a sua regência e data de então o prestígio desta organização musical, que chegou a ser uma das primeiras bandas de música do Estado. Em 1911 o Maestro Troiano foi regente da Banda da Linha de Tiro. Depois organizou a Banda Progresso Campineiro, composta de 30 figuras, bem como a «Banda São Sebastião», da Sociedade Humberto I, de Valinhos.

Naquê tempo, uma banda de música era uma instituição quasi mística, porque reunia uns músicos idealistas e despreziosos que faziam da arte um motivo de prazer e de engrandecimento da cidade, sem cogitar de proventos monetários ou qualquer vantagem material. Haja visto um documento que compulsamos agora em que vem discriminado o preço dos concertos musicais no coreto do Jardim Público, a razão de Cr\$ 100,00 cada um, e isto no ano de 1918.

A banda «Italo» era de fato, uma honraria digna de elogios, tanto que no Centenário da Independência do Brasil, compareceu às festas comemorativas no Rio de Janeiro, provocando aplausos frenéticos do povo carioca. E que lá desfilou em plena Avenida Rio Branco»

ALAOR MALTA GUIMARAES

CORREIO POPULAR



12 de Janeiro de 1957

Amanhã

Homenagem á memória de um dos fundadores da ex-banda Italo-Brasileira

Placa simbólica dando o nome de José Troiano a uma das ruas da cidade

Realiza-se amanhã, às 10 horas, a inauguração da placa simbólica dando o nome de José Troiano para uma das ruas da cidade. Realmente, o Maestro José Troiano foi um dos grandes batalhadores, em 1895, pela fundação da Banda Italo-Brasileira, que passou a denominar-se há anos atrás Banda Municipal Carlos Gomes. A corporação veio a constituir-se uma realidade isto após tremendos esforços de elementos da colônia italiana aqui radicada, com a coadjuvação de brasileiros, todos certos do êxito da iniciativa.

A denominação de "Maestro José Troiano" para uma de nossas ruas foi dada conforme projeto de lei aprovado pela Câmara Municipal, de autoria do vereador João Lanaro e que recebeu o n.º 163, em 10 de dezembro último.

Está situada a referida arteria na Vila Joaquim Ignacio, com início na rua 17 e término na rua Miguel Alves Feitosa Filho, nas proximidades da Cia. Swift do Brasil.

O maestro José Troiano que esteve como regente da corporação durante 12 anos. Sob a sua direção artística, a ex-Banda Italo-Brasileira muito con-



Maestro José Troiano

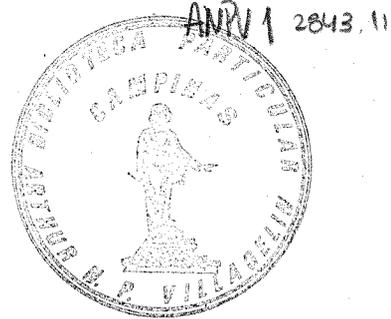
tribuiu para realçar o nome de Campinas.

Para o ato de domingo próximo, a família do maestro José Troiano está convidando todas as pessoas de sua amizade e aqueles que conviveram com esse grande músico que foi José Troiano.

CMW

RUA MAESTRO JOSÉ TROIANO

Lei nº 1663 de 10-12-1956



Giuseppe Troiano, italiano, radicado nesta cidade, foi grande entusiasta e incentivador da música de conjunto, tocando, dirigindo e colaborando na formação de v-arias bandas que se destacaram pela sua primorosa atuação. Faleceu a 1 de setembro de 1939.

(Exyraido de fls. 10 do Suplemento
"Historia de Campinas" do jornal
"Correio Popular" de 13-fevereiro-
1969. Suplemento de autoria de José
de Castro Mendes)

anpv/08/1984